

EXPLICANDO O FRACASSO: Monteiro Lobato e a identidade nacional

Ricardo Luiz de Souza

Resumo

A reflexão sobre a identidade nacional desempenha papel central no pensamento de Monteiro Lobato. O objetivo deste ensaio é compreender tal pensamento a partir da relação entre modernidade e identidade nacional que o estrutura, partindo do Jeca como personagem simbólico desta relação. Um símbolo do atraso e um personagem a ser redimido.

Palavras-chave

Modernidade. Identidade nacional. Literatura.

EXPLAINING FAILURE: Monteiro Lobato and the Issue of National Identity

Abstract

The reflection on national identity plays a central role in the thought of Monteiro Lobato. My objective in the following article is to understand such a thought from the perspective of the relation between modernity and national identity which constitutes its structure. For achieving this purpose we depart from Jeca as symbolic personage of this relation. A symbol of backwardness as well as a personage to be redeemed.

Keywords

Modernity. National identity, Literature.

Podemos começar com uma questão: Monteiro Lobato escreveu uma obra literária ou, pelo menos, sustentou sua atividade como literato ao longo das décadas nas quais redigiu milhares de páginas? Isto porque o conceito de obra literária, em seu caso, torna-se problemático. Quase tudo que ele escreveu,

à exceção de seus textos literários iniciais e de sua literatura infantil, foram textos de circunstância, vinculados à sua vida de empreendedor incansável, ligados a um jornalismo que ele sempre colocou em segundo plano, mas do qual sempre se utilizou na defesa de suas idéias.

Podemos, ainda, partir de outra questão: é possível pensar o autor no contexto vago, indistinto, conhecido como pré-modernista? Uma historiadora da literatura brasileira define os motivos de tal inserção: "A própria inclusão de Lobato entre os escritores pré-modernistas é motivada pelo caráter nacionalista e participante de uma obra literária instrumental e instrumentalizada como poucas e, conseqüentemente, inavaliável no plano puro da realização poética." (PICCHIO, 2004, p. 396).

E, aqui, alguns paralelos podem ser traçados. Bernucci aproxima Lobato e Euclides da Cunha a partir do "gosto pelo telúrico, a indignação pelas disparidades socioculturais, a denúncia dos desmontelos governamentais, a literatura como missão e o jornalismo combativo" (BERNUCCI, 1996, p. 88). Ambos, de fato, foram autores engajados, escrevendo sempre a partir da defesa de ideais a serem concretizados. Já de forma oposta, comparando contos escritos por Mário de Andrade e por Lobato no início de suas respectivas carreiras literárias, Diniz acentua ter o primeiro optado pela vanguarda estética e o segundo pela carreira literária. E conclui: "Trata-se, em suma, do problema da função da literatura na sociedade, um foco de tensões que se encontra no interior do círculo literário e que é decorrente de divergências na concepção do que seja a Literatura e seus limites." (DINIZ, 1998, p. 260).

Seu oposto, por sua vez, foi Ricardo Gonçalves, poeta anarquista e suicida, seu amigo de juventude, que Lobato transforma em mito para ele próprio, terminando por editar *lpês*, único livro de poesias do amigo. Em relação a esta amizade póstuma, Prado (1986, p. 111) menciona "o desapontamento pelo poeta que se aniquilava como um caso perdido". Mais que um caso perdido, Gonçalves foi o literato romântico e poeta frustrado que Lobato recusou-se a ser ao converter-se, acima de tudo, em um homem de ação. E no momento em que Gonçalves caminha para o suicídio, Lobato traça seus planos para o futuro e declara, em 1915, haver trocado a literatura pelo desenho: "Não escrevo mais. Nunca mais. Se há quem escreva nos outros países é que existem por lá compensações sérias, renome e dinheiro. Desde que não nos aparece compensação nenhuma, escrever não passa de pura manifestação de cretinice." (LOBATO, 1951 a, v. 2, p. 31).

E, finalmente, Lobato foi um Oswald de Andrade bem sucedido: empresário e escritor de sucesso (o que Oswald nunca conseguiu ser, apesar do sonho de distribuir seu biscoito fino para as massas) e editor bem sucedido, cuja inovação foi pensar sua atividade em termos de indústria cultural; pensar o livro como mercadoria que demanda uma ampla e eficiente rede de distribuição para chegar ao público.

Lobato revolucionou, segundo Broca, o relacionamento entre escritores e editores, "levando os primeiros a encararem os segundos não como adversários, como acontecia antes, mas na verdadeira categoria de confrades, trabalhando em setores que se articulam intimamente" (BROCA, 1993, p. 115). Fazendo isto, ele, pioneiramente, montou esta rede, enquanto Oswald nunca conseguiu recuperar-se da falência que o vitimou em 1929. Oswald manteve-se fiel ao experimentalismo que caracterizaria sua obra, enquanto Lobato o recusou conscientemente, preocupado, sempre, em atingir, como editor e como escritor, grandes públicos (e conseguindo em ambos os casos).

Sem colocar em termos comparativos o mérito artístico de cada um, é importante lembrar jamais terem possuído os modernistas a capacidade de Lobato de mobilizar leitores em torno de um tema, capacidade esta que manifestou-se já em 1917, quando ele elaborou o famoso inquérito sobre o sueste, convidando leitores de *O Estado de São Paulo* a contribuir com relatos e informações sobre o ente. Uma pesquisa que contou, pioneiramente nos estudos folclóricos, com a elaboração de um questionário sobre o tema e que visava registrar a percepção sobre uma figura mítica no imaginário popular. Uma pesquisa nascida da atração de Lobato por este imaginário ou, pelo menos, pela expressão popular, a par de um acentuado desprezo pela cultura oficial de seu tempo.

Imaginário popular, cultura oficial: em 1923, ele acentua tal dualidade, ao afirmar: "Como é viva a língua do povo! E como é fria, morta, a língua erudita, embalsamada pelos grandes escritores!" (LOBATO, 1951 b, p. 62). A cultura e a sociedade brasileiras seriam, assim, duas:

Temos duas civilizações, ou melhor, duas culturas: a cultura importada. dos que vivem nas cidades, sabem ler e escrever e até livros escrevem! e a cultura local. filha da terra como um cogumelo é filho dum pau podre, desenvolvida pelos homens do mato - o caboclo, o caipira, o jeca. em suma. (LOBATO. 1969. p. 29).

Entre os dois pólos, contudo, ele adota posição ambígua, tanto **que**, nos contos regionalistas, Lobato narra histórias ocorridas no meio rural e ao mesmo tempo busca distanciar-se dele. encarando seus personagens, como acentua Polinésio, com ironia e uma boa dose de desprezo. E conclui a autora: "A inclusão, bastante frequente, de citações eruditas, contribui para frisar a superioridade cultural e social desse narrador diferenciado." (POLÍNÉSIO, 1994, p. 315). E a imagem de Lobato como o pólo nacionalista dessa dualidade já está configurada no início dos anos 1920, do que dá prova um texto de Antonio Torres, em **que** ele menciona uma sessão da Academia Brasileira de Letras na qual um acadêmico - Luís Guimarães - teria lido um grande número de brasileirismos retirados, em sua maior parte, dos textos de Lobato. A partir daí, Torres (1921), conclama Lobato a transformar-se em fornecedor de brasileirismos para os acadêmicos, para o outro pólo da dualidade.

Para Lobato, o Brasil não alcançou ainda a autonomia cultural: "Somos um povo de mentalidade colonial. Nascemos colônia e até agora só conquistamos a independência política. Econômica, espiritual, mental e cientificamente, continuamos colônia." (LOBATO, 1951b, p. 102). Causa e consequência desse processo é o fato de imigrantes dominarem setores inteiros da economia, enquanto o país continua mergulhado no academicismo e no bacharelismo, o **que** o leva a ressaltar, ironicamente:

Temos doutores em leis, doutores em comércio, doutores em farmácia, doutores em dentaduras, doutores em engenharia, doutores em medicina. E academias sobre academias se fundam cá e lá, de Comércio, de Letras, de Poucas **Letras**, de Nenhumas Letras, de Costura. (LOBATO, 1951b, p. 147).

E contra um sistema educacional e cultural acadêmico e bacharelesco, Lobato propõe a adoção de um ensino eminentemente técnico: "O nosso mal é a incapacidade técnica. Ninguém trabalha porque ninguém aprende a trabalhar. E o remédio é uma coisa só: escolas de trabalho, Foram estas escolas que fizeram a Alemanha. Foram as criadoras dos Estados Unidos." (LOBATO, 1951b, p. 108).

Dos estatutos da Liga Nacionalista, criada em São Paulo, em 1917, consta o seguinte propósito: "Será ainda um aparelho de ação, pois manterá escolas primárias e profissionais e cursos públicos destinados a difundir a

cultura, o civismo, a compreensão dos deveres, a consciência da nacionalidade e a promover a educação política do povo." (Apud BOTO, 1994, p. 151). Esta é a preocupação, também, de Lobato. Ele constata, então, o grande problema brasileiro e sua solução: "O nosso problema capital, magno por excelência, é criar a cultura. Escolas profissionais para o povo, não cinco ou dez, mas cem, mil, uma em cada cidade." (LOBATO, 1968a, p. 219). E, no futuro, assevera ele, ocorrerão grandes mudanças: "Nas escolas futuras muitas disciplinas inúteis, ensinadas hoje, serão substituídas por outras de alto utilitarismo." (LOBATO, 1951c, p. 213). O ensino teórico será, em síntese, substituído por um conhecimento ligado às necessidades práticas e ao desenvolvimento tecnológico.

Um conhecimento que seria a antítese da literatura produzida no período em que ele começa a escrever: um exercício formal e estéril, acadêmico e embalsamado (NUNES, 1969, p. 42). Sua teoria do estilo, descrita por Nunes, é uma reação a esse estado de coisas, e fundamentará todos os seus escritos. É uma reação à cultura oficial, representada com tudo o que possui de negativo pela Academia Brasileira de Letras, que transformou-se em uma "panelinha de gente equívoca", como ele a define em 1912. E se assim ocorre é porque essa é a sina das instituições nacionais, que são apenas um reflexo da nação. Portanto, "a Academia está descendo porque a sina deste país é a descida" (LOBATO, 1951a, v. 1, p. 331).

Mas a crítica ao academicismo caminha a par com um conservadorismo que fica patente já em 1905, quando ele faz a defesa do Conselheiro Acácio contra seu próprio criador: "E pensar a gente que aquele homem, o protótipo das boas maneiras, do bom senso, da sisudez, é tomado como alvo de gracejos dum peralvilho como o Eça." (Lobato, 1959, v. 1, p. 84). Conservadorismo, enfim, que jamais o abandonará, e que o faz manter-se resolutamente à margem do modernismo, embora Oswald o tenha definido, em 1945, como precursor do movimento: "Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu quem sabe, nesse e em outros setores a mais eficaz resistência patriótica de que se possa orgulhar uma vocação patllótica." (ANDRADE, 1973, p. 197). Mas quando Lobato escreve, em 1922, uma crítica elogiosa a *Os condenados*, romance de estréia de Oswald, ele não se furta a aconselhar o estreante a abandonar experiências estéticas e inovações, atendo-se ao gosto do leitor, já que, "se o objetivo de um escritor é transmitir idéias e sensações, essa

transmissão será tanto mais perfeita quanto mais respeitar a psicologia média dos leitores" (LOBATO, 1965, p. 22).

Celebrizado a partir de sua reação ao modernismo que surge, o academicismo de Lobato, no que se refere às artes plásticas, permanecerá intacto ao longo das décadas seguintes, o que ele mesmo toma claro em carta datada de 1946 - quase trinta anos, portanto, após a famosa exposição de Anita Malfatti -, quando faz uma espécie de síntese do ocorrido após aquela data: "E a coisa ficou assim: para os pintores modernistas, todos os louvores da crítica e a fome em casa; para a arte normal e eterna, o silêncio da crítica ou a coima de fotografos - mas intenso apoio público, recompensa farta e vida boa ." (LOBATO, 1959, v. 2, p. 174). que ele chama de "arte normal e eterna", em literatura como em artes plásticas, é o realismo, e Chiarelli aponta a importância deste como critério estético para Lobato: "Mesmo na arte 'irrealista', ou seja, composta a partir da pura imaginação do artista, o estudo da 'natureza real', da 'verdade' natural, devia ser a base." (CHIARELLI, 1995, p. 182).

Se em artes plásticas Lobato é academicista, em literatura ele é formalista, e afirma: "A forma perfeita é *magna pars* numa literatura... Sem limpidez, nem asseio de fôrma, a idéia vem embaciada, como copo mal lavado." (LOBATO, 1951a, v. 1, p. 222). Escritos ainda em 1908, tais princípios estéticos sempre nortearão o gosto literário de Lobato, que toma, por exemplo, Camilo Castelo Branco como exemplo a ser seguido: "Saber a língua é ali! Camilo é a maior fonte, o maior chafariz moderno donde a língua portuguesa horta mijadamente, saída inconscientemente, com a maior naturalidade fisiológica." (LOBATO, 1951a, v. 1, p. 241). Da mesma forma, quando menciona Rui Barbosa: "Tens os discursos do Ruy? Que maravilha! Que deslumbramento! Que incomparável mestre e que artista da palavra!" (LOBATO, 1951a, v. 1, p. 274). Não admira, assim, que ele jamais demonstre o menor entusiasmo por qualquer forma de experimentação literária., o que o faz passar ao largo do modernismo. A literatura, para ele, sempre tem um caráter instrumental, de denúncia ou catequese social.

Lobato, enfim, sempre preocupa-se em ser popular; daí suas críticas aos modernistas. Segundo Lustosa,

Mesmo apoiando o rompimento com os formalismos, que foi a marca do modernismo da primeira fase, Lobato

criticava-lhes o desprezo pela aceitação do público. implícito no uso de uma linguagem que, pelo radical rompimento com as regras gramaticais e com a lógica que deve presidir a sintaxe, tomava-se inacessível à maior parte da população. (LUSTOSA, 2004, p. 229).

E tal preocupação será coroada de êxito, transformando-o em um nome reconhecido mesmo por quem tem pouco ou nenhum contato com a literatura, assim como conhecida nacionalmente tornou-se a figura do Jecu Tatu, nascido de sua atividade como fazendeiro nos primeiros anos da década de 1910. Um período em que não sobrou tempo para a literatura, mas no qual, em contato com os caipiras da região, ele pensou na figura que os representaria, daí em diante, no imaginário brasileiro.

O caipira já é descrito por Zuluar, em meados do século XIX, em traços muito semelhantes aos utilizados no retrato lobotiano: "O Caipira, se não anda nas suas aventuras e excursões, encontrá-lo-eis sentado à porta do lar, fumando o seu cigarro de fumo mineiro, e olhando seu cavalo que ruma, tão preguiçoso como ele, a grama da estrada." (ZALUAR, 1953, p. 73). E onde ele mora, as riquezas permanecem intocadas, mercê de suas vidas "quase completamente improdutivas", da indolência que o caracteriza (ZALUAR, 1953, p. 109).

Pensando a figura do Jecu, criando-a, Lobato não está sendo, necessariamente, original. A figura do caipira, ora visto como representante da tradição a ser preservada, ora definido como atrasado, supersticioso, avesso e alheio à modernidade que se implanta e que se deseja, já faz parte do imaginário paulista e em torno dele já se delineou toda uma literatura regionalista, que às vezes o louva, às vezes o critica, como, por exemplo, em *Quadro rural*, poema de Raul Bopp:

Paisagem deprimida
Com uma linha de mato mutilada a machado
João Candungo subnutrido e apático senta-se à porta do rancho.

Em relação a ele, então, Lobato não inova, apenas cria o personagem que o encarnará de forma definitiva. O Jecu foi inspirado por um personagem real que tinha o mesmo nome e era neto de uma senhora que sempre o elogiava, até que Lobato o conheceu pessoalmente: "Que decepção! Um bichinho feio,

magruço, barrigudo, arisco, desconfiado, sem jeito de gente. Algo horrível. Por isso mesmo, o seu nome ficou na minha cabeça." (LOBATO, 1951c, p. 191). E sua figura surge em *Velha Praga*, artigo que o fazendeiro Lobato envia à seção de reclamações de *O Estado de São Paulo*, no qual o protesto dirige-se às constantes queimadas feitas pelo caipira: um ser, portanto, essencialmente negativo, que aparece, em carta de 1914, como um personagem em gestação, a ser desenvolvido em um romance ou em uma série de contos, e é definido como um caboclo da serra incapaz de viver em outro lugar (LOBATO, 1951a, v. 1, p. 362).

A indignação de Lobato com o Jeca nasceu de seu fracasso como fazendeiro e misturou-se a questões raciais. Como salienta Moraes, "ele havia esbarrado em inúmeros obstáculos: terras improdutivas, região decadente, falta de mão-de-obra qualificada, etc. Apesar de todos esses fatores, Lobato coloca a culpa exclusivamente no último." (MORAES, 1997, p. 102). Ele escreve contra o Jeca, inicialmente, criticando, em 1915, a idealização do caipira levada a cabo por um autor regionalista como Comélio Pires: "O caboclo de Cornélio é uma bonita estilização - sentimental, poética, ultraromântica, fulgurante de piadas - e rendosa." (LOBATO, 1951a, v. 2, p. 40). E em 1916, Lobato afirma: "O caipira estilizado das palhaçadas teatrais fez que o Brasil nunca pusesse tento nos milhões de pobres criaturas humanas residuais e sub-raciais que abarrotam o Interior." (LOBATO, 1951a, v. 2, p. 68). Segundo ele, portanto, o caipira tem sido antes objeto de riso que de análise; cumpre inverter a equação.

O Jeca pode, ainda, ter até ascendentes ilustres, mas estes já esmoreceram de todo, tanto que, em *Urupês*, Lobato inverte conscientemente a mitologia indianista e o índio alencariano descai para a condição de caboclo inerte: "O cocar de penas passou a chapéu de palha debatido à testa; a ocará virou rancho de sapé: o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda truxada; o bode descaiu lamentavelmente para o pio de inhambu: a tanga ascendeu a camisa aberta no peito." (LOBATO, 1982, p.146).

Feitas as contas, o Jeca terminou por consolidar-se como um índice negativo da nacionalidade. Lobato retrata o caipira como que em oposição ao sertanejo euclideano, e quando Euclides dedica-se, igualmente, a descrevê-lo, o faz em termos que acentuam o perfil traçado por Lobato:

O caipira desfibrado, sem o desempenho dos titãs bronzeados que lhe formam a linha obscura e heróica, saúda-nos com Uma humildade revoltante, esboçando o momo de um sorriso. deplorável. e deixa-nos mais apreensivos, como se víssemos uma ruína maior por cima daquela enorme ruinação da terra.. (CUNHA, 1975, p.132).

Da mesma forma, Rui Barbosa define assim o Jeca em seu elogio a Lobato, feito em plena campanha presidencial: "Um fatalismo cego o acorrenta à inércia. Nem um laivo de imaginação, ou o mais longínquo rudimento de arte na sua imbecilidade." (BARBOSA, 1973, p. 172).

Devido a seu potencial de negatividade, o Jeca é recusado por quem gostaria de ver ressaltadas suas diferenças em relação a ele. Um senhor de engenho como Júlio Bello nega ao caboclo do norte, em suas memórias, qualquer semelhança com o Jeca, definindo-o como filho do proletariado rural paulista, e afirmando: "O Jeca Tatu, entre nós, como tipo padrão de uma classe, é exagero e injustiça. Entre nós, o caboclo foi muito corrigido pela coragem e atividade produtiva dos Outros sangues. Mais do que no sul." (BELLO, 1944, p. 40). E no que tange a São Paulo, Almeida salienta, estudando um município do Vale do Paraíba: "O empenho da 'sociedade' luisense em distanciar-se da civilização rústica traduz um sentimento de inferioridade. A imagem do município era dominada pelo vulto de Jeca Tatu e emoldurada pelo estigma de cidade morta." (ALMEIDA, 2001, v. 2, p. 661).

Por outro lado, já no período em que a figura se consolida no imaginário brasileiro, alternativas a ele são buscadas. Rui Barbosa e Santos Dumont, por exemplo, são celebrizados como os brasileiros franzinos que impuseram-se perante a Europa, assim como a figura do cearense é idealizada, no período, como o desbravador que irá conquistar a Amazônia (FREYRE, 1959, v. 2, p. 502). Contudo, é uma idealização já criticada por Lima Barreto, no período mesmo em que ela se concretiza. Assim é que, escrevendo sobre Monteiro Lobato, o que Barreto coloca em questão é exatamente a apologia dos sertanejos do norte: "Todos os nortistas, especialmente os cearenses, estão dispostos a fazer deles, senão esforçados preux, ao menos tipos de uma energia excepcional, de uma capacidade de trabalho extraordinária e não sei o que mais." (BARRETO, 1956a, p. 109).

Houve, entretanto, uma outra maneira, regionalista e marcadamente positiva, de ver o Jecu, presente nos contos de Waldorniro Silveira e, também, nas artes plásticas, onde Lopes da Silva (1993, p. 279) ressalta-a nos quadros de Almeida Júnior: "Penso particularmente em *Cozinha na Roca*, cuja rusticidade demarca nova maneira de olhar os costumes do homem do povo, em cenas cotidianas de Seu viver." E o retrato crítico do Jeca gera, por sua vez, uma ânsia renovada de estudar e conhecer o caipira, que deságua em nova onda de valorização do mesmo, expressa nas obras de Leôncio de Oliveira, Leonardo Mona e Cornélio Pires (CAMARGO, 1998, p. 138).

Segundo Castro Santos, Lobato explicaria as deficiências do Jeca a partir de critérios raciais: "A miscigenação explicava tudo. Éramos um povo fraco." (SANTOS, 1980, p. 196). Mas o determinismo acentuado por Lobato não é ligado primordialmente nem ao meio nem à raça, relacionando-se, sim, com a saúde da população. O brasileiro é doente, constata ele, e urge curá-lo: "a população rural, esteio que é da riqueza pública, fonte de onde tudo promana, quanto mais doente se toma menos eficiente na produção de riqueza é" (LOBATO, 1951c, p. 276).

Se o problema central, enfim, relaciona-se com a saúde do brasileiro, sua solução deriva da área econômica, só enriquecendo, só deixando de ser miserável, o brasileiro poderá resolver os problemas básicos que o afligem. E Lobato conclui: "Evidente, pois, que só uma solução existe para todos os problemas nacionais: a indireta, a solução econômica. Só a riqueza traz instrução e saúde, como só ela traz ordem, moralidade, boa política, justiça." (LOBATO, 1968a, p. 88). E é possível, aqui, fazer um contraponto: temos, em Lima Barreto, como que uma crítica às soluções apresentadas por Lobato e, também, uma proposta que abre perspectivas bem mais radicais:

O problema. conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita. é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regime capitalista na agricultura. dividir a propriedade agrícola. dar a terra ao que efetivamente cava e planta a terra e não ao doutor vagabundo e parasita. que vive na "Casa-Grande" ou no Rio ou em São Paulo. (BARRETO, 1956b. p. 133).

Mas se outras questões assumem importância primordial, o determinismo racial é, porém, fator relevante na construção do Jeca. Sua crítica

ao personagem evolui da constatação da inferioridade racial que o define para a crítica do subdesenvolvimento que o torna possível. Se o Jeca, enfim, é criado sob a influência de teorias raciais que postulam sua inferioridade, a ênfase recai logo depois - como o próprio Lobato é o primeiro a reconhecer - na necessidade de estudar e transformar o contexto social no qual ele se formou, o que o leva a concluir em artigo publicado em 1915: "O caipira não é assim. Está assim." (Apud AZEVEDO; RESENDE; SACHETTA, 1997, p. 115).

Temos, então, o sucesso do personagem provocando uma rotação na maneira como Lobato o vê: "Convencido de que restaurar a saúde do povo é bater-se pela riqueza do país, Lobato volta a analisar o Jeca, mas agora para defendê-lo e, indiretamente, acusar-se a si mesmo." (CAVALHEIRO, 1962, v. I, p. 188). Acusar-se de quê? De não ter visto o personagem por ele criado como vítima de um sistema que o espolia. O Jeca, para Lobato, mais que uma figura regional, é um símbolo da nação: "O Brasil é uma Jecatatuasia de oito milhões de quilômetros quadrados." (LOBATO, 1951a, v. 2, p. 40).

E ele inclina-se cada vez mais para a crítica social da Jecatatuasia, tanto que, em entrevista feita durante a Segunda Guerra, Lobato parte de uma notícia de jornal onde se lê que "o trabalhador agrícola não está sob a proteção da legislação social-trubulhista brasileira" para acentuar a situação de exclusão social na qual o Jecu, segundo ele, ainda se encontra: "A situação desses homens é exatamente a mesma dos felás do Egito, que morriam de miséria nos trigais das margens do Nilo para que os privilegiados de Alexandria e outras cidades vivessem na abundância." (LOBATO, 1951d, p. 162). A miséria do Jeca tem, portanto, uma função, que é sustentar a civilização brasileira: "Sobre a miséria infinita desses desgraçados está acocorada a nossa 'civilização.', isto é, o sistema de parasitismo que come, veste-se, mora, e traz a cabeça sob a asa para evitar o conhecimento da realidade." (LOBATO, 1969, p. 55).

Por outro lado, Lobato mantém sempre certa umbiguidade ao abordar a questão racial. Firme defensor da eugenia, nunca aceita de fato a igualdade racial e nunca tem o negro em grande conta, definindo-o como um ser que tralhava enquanto escravo devido ao "chicote espevitador dos seus brios". Liberto, entregou-se à bebida e deixou de contar como elemento produtivo. (LOBATO, 1951h, p. 145).

O fator racial constitui motivo permanente de preocupação para ele e sempre é definido como uma das causas do fracasso nacional. Já em 1903, ele atribui o atraso do Brasil à formação racial do brasileiro, definido como "um tipo imprestável, incapaz de continuar a se desenvolver sem o concurso vivificador do sangue dalguma raça original- desses que possuem caracteres inconfundíveis" (LOBATO, 1969, p. 111).

Os defeitos do brasileiro, segundo Lobato, derivam, em escala considerável, portanto, de sua formação racial. Embora nunca tenha demonstrado preferência ou conhecimento amplo das teorias raciais que tanto são mencionadas por autores como Euclides ou Romero, tais defeitos e tal formação ainda são relacionados em carta escrita em 1940: "O supremo gosto entre nós é ver alguém cair, fracassar, levar a breca. Começo a duvidar da viabilidade da nossa sub-raça." (LOBATO, 1951a, v. 2, p. 332).

Se a formação mestiça do brasileiro é um entrave ao desenvolvimento nacional, a solução é promover o branqueamento via imigração européia; proposta largamente debatida e aceita no início do século XX, e que Lobato adota sem restrições em carta datada de 1905, onde tal imigração é definida como uma vacina contra os problemas nacionais:

É pelo italiano e pelo alemão que esse vírus . essa vacina será lançada em nossas veias. e portanto o maior patriota no momento atual é aquele que se casa com uma italiana ou uma alemã e vai trabalhar como um mouro nos campos a fazer bons filhos, sacudidos e espertos. (LOBATO, 1959. v. I. p. 76).

A imigração européia - o fortalecimento de seu fluxo - é, assim, uma das soluções apontadas por Lobato (1951c, p. 32): "O Brasil inteiro se transformará num Estado de São Paulo, que se é o que é deve-o sobretudo a um pouco de braço e cérebro europeu que para lá se encaminhou." E os resultados hem sucedidos da imigração nas regiões onde ela se instalou é contrastada por ele com a miséria reinante no resto do país: "Descontadas as áreas felizes do sul, onde um conjunto de circunstâncias miseráveis atraiu a imigração estrangeira e criou um relativo progresso, o resto do Brasil é uma pura calamidade." (LOBATO, 1965, p. 202).

Outra solução proposta é a eugenia, da qual ele é um finne defensor: "Temos de chegar à Eugenia. Esta sim. Esta será o grande remédio, o

depurativo curador das raças. Pela Eugénia teremos afinal o homem e a mulher perfeitos - perfeitos como os cavalos e éguas do puro sangue." (LOBATO, 1964, p. 208). E em *O Presidente negro*, romance futurista escrito em 1926 e cuja ação se passa nos Estados Unidos durante o ano de 2228, ele faz sua defesa enfática. Imagina a criação de um Ministério da Seleção Artificial, destinado a colocar em prática as idéias de Francis Galton, e descreve o resultado de sua ação: "Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade dos homens. O número dos mal-formados do físico desceu a proporções mínimas - sobretudo depois do ressurgimento da sábia lei espartana." (LOBATO, 1951e, p. 211). E define, ainda, o vadio, o doente e o pobre como os "três pesos mortos" existentes em toda sociedade, menos na sociedade do futuro por ele descrita, na qual eles foram suprimidos: "A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiência do último." (LOBATO, 1951e, p. 233).

Lobato, enfim, é determinista, o que torna pouco sustentável a afirmativa de Skidmore segundo a qual ele teria desempenhado a função de abrir o caminho, em São Paulo, para o anti-determinismo de Freyre, ao negar qualquer determinismo a atuar sobre o Jeca, embora Freyre, conclui Skidmore, sempre tenha feito mais sucesso no Rio que em São Paulo (SKIDMORE, 2002, p. 15). Como poderia desempenhar tal função alguém que já em crônica publicada em 1906, define-se como determinista ao afirmar: "O homem é uma moldagem do meio. Verdade velha, mas de lei." (LOBATO, 1969, p. 260). E este pressuposto ele jamais abandonará.

Seu determinismo não atua, ainda, apenas a partir da raça. Lobato pensa o clima como fatal' determinante do atraso reinante no Brasil, país tropical onde o inverno não existe como fatal' de incentivo à atividade humana: "A gente das terras quentes, não se vendo sujeita a essa chibata, jamais aprende a acumular - além de que possuem um trabalho de muito fraco rendimento. O melhor das energias é gasto na luta contra o calor depressivo, pois que a boa arma nesse combate se chama inação." (LOBATO, 1964, p. 85). E o clima tropical é, finalmente, hostil ao homem branco: "Só negros ou índios poderão deleitar-se ou sentir-se ambientados num cenário de verde eterno, com palmeiras, bananeiras e mais plantas de folhas enormes." (LOBATO, 1964, p. 19).

O brasileiro é descrito por Lobato, em 1918, como um degenerado, um decaído em meio aos parasitas tropicais, sendo o trópico uma região hostil

à evolução humana. E a higiene é a solução: "A higiene é a defesa artificial que o civilizado criou em substituição da defesa natural que perdeu. Ela permite ao inglês, na Índia, uma vida próspera, exuberante de saúde, no meio de nativos derreados." (LOBATO, 1918a, p. 7).

Condições de saúde, clima e raça são, portanto, os fatores determinantes do atraso nacional, atraso este que toma-se mais gritante quando visto de fora, ainda mais se realçado em termos raciais, como ele o faz em carta de 1927: "Só agora meço em toda a extensão o atraso infinito e a estupidez maior ainda da nossa gente. Somos África pura, meu caro Heitor." (LOBATO, 1959, v. 1, p. 204). Em contraste com os longamente descritos defeitos do brasileiro. Lobato realça a solidez moral do norte-americano: "A base moral deste povo só pode equipurar-se à base rochosa de Manhattan. Esta permitiu a ereção dos estupendos arranha-céus: aquele está permitindo que os Estados Unidos se tornem um mundo maior e melhor dentro do resto do mundo." (LOBATO, 1959, v. I, p. 211).

Maior e melhor. Antônio Pedro Tota (2000, p. II) define Lobato como "um dos que se apaixonaram pela via americana como saída para o nosso atraso". E Lobato é francófilo e americano-filo: vê na imitação das coisas francesas uma manifestação do subdesenvolvimento a ser superado; na colonização portuguesa, nada mais que um desastre cujas conseqüências devem ser remediadas; e nos Estados Unidos, o caminho a ser seguido. Mas o americanismo de Lobato gera uma questão colocada por Flores (2005, p. 214): "Se o americanismo exigia, para seu funcionamento, a construção de um homem novo, como atingi-lo num país tropical, de passado colonial de raiz humanista européia?"

Os Estados Unidos são a promessa, o antídoto contra a influência do passado colonial, o que enseja uma análise comparativa. Temos, então, um artigo publicado na edição de lançamento da revista *Brasil éia*, em 1917, que conclama: "Brasileiros! Precisamos criar uma pátria para nós. E, portanto, todo esforço deve convergir para libertar-nos da pesada ditadura lusitana que se exerce pelo poder do ouro e pela força mágica da imprensa." (Apud TRINDADE, 1979, p. 24). O abandono do passado é, nesse sentido, visto como condição para a construção do futuro. E, algumas décadas depois, tal conclusão é retomada na perspectiva de Werneck Sodré, para quem "só a eliminação dos restos do colonialismo que permanecem na estrutura brasileira

permitirá criações originais, nacionais, em todos os campos" (SODRÉ, 1963, p. 136). Assim, a superação da herança colonial é considerada por ele como pressuposto para a criação de uma genuína cultura nacional, sendo o nacionalismo visto como uma libertação: "De seu conteúdo libertador provém o teor apaixonado de que se reveste e que leva os seus opositores a considerá-lo mais como paixão do que como política." (SODRÉ, 1959, p. 35). Ao nacionalismo que seria o de Sodré, contudo, Lobato prefere a adoção de um modelo extemo.

Situar, ainda que sumariamente, o pensamento de Lobato em contraste com o ideário nacionalista brasileiro ajuda-nos, por sua vez, a compreender ambos. Tal ideário possui urna de suas matrizes em Alberto Torres, que define a opção a ser feita: nacionalismo ou alienação (SOUZA, 2005, p. 320). O nacionalismo é, para ele, questão de sobrevivência nacional, o que o leva a afirmar que "a política de um povo moderno, para a paz ou para a guerra, consiste na arte de conservar, de obter e de aumentar riquezas. Tal é a política ofensiva de outros povos, tal precisa ser a nossa política defensiva." (TORRES, 1982, p. 91). O nacionalismo toma, a partir daí, o protecionismo como base, tanto que, nas pegadas de Torres, "como os outros nacionalistas, Serzedelo Correa invocava a favor do protecionismo a situação de dependência econômica em que o Brasil se encontrava, país colonial, com uma frágil economia, comprometendo a sua soberania nacional" (LUZ, 1975, p. 80).

O nacionalismo dominante a partir dos anos 1920 apresenta, porém, segundo Faoro, diferenças fundamentais em relação às idéias predominantes no início do século:

Não se trata, agora, do nacionalismo antiluso. jacobino, dos dias de Floriano Peixoto. A perspectiva. mais larga e com base mais ampla. não se limita à defesa raivosa dos nativos contra os estrangeiros. mas, sobre inspirações próprias, reconstruir. reorganizar. reformar o país. por meio do Estado. (FAORO. 1985. v. 2. p. 671).

E esta é a tarefa assumida pela Revolução de 1930, tanto que a Constituição de 1934, assim como a Constituição outorgada que virá depois adotarão diretrizes nacionalistas a partir de medidas protecionistas em relação às jazidas naturais e às reservas hidráulicas, além de medidas de cerceamento

de atividades de empresas estrangeiras em áreas ligadas ao serviço público, dentre outras (RODRIGUES, 1982, p' 105).

Temos, assim, uma **convergência** entre o regime e seus contestadores, já que, em 1935, a luta **contra** as empresas estrangeiras é um dos itens incluídos no programa da Aliança Libertadora Nacional (SIMÃO, 1966, p. 38). Cria-se, portanto, uma política de **cunho** nacionalista **que** pode estar, inclusive, relacionada **com** a entrada relativamente tardia do capital estrangeiro no setor de bens de capital, segundo dados comparativos coletados por Boschi, **que** conclui: "Isso significa que a presença de capital estrangeiro no setor **é**, de fato, muito recente, correspondendo aos estágios posteriores do período de substituição de importações." (BOSCHI, 1979, p. 188).

Já referindo-se ao período correspondente ao final dos anos 1950, Otávio Velho lembra que "o nacionalismo continuou sendo a **face** externa da política estatal sobretudo na medida em **que** o Desenvolvimentismo se identificava com o Nacionalismo" (VELHO, 1976, p. 163). Gera-se um novo ideário nacionalista, presente nos discursos de Juscelino. Tomemos, para compreendê-lo, a síntese elaborada por Miriam Cardoso, para quem, em tal ideário. "o nacionalismo inteligente **é** aquele **que** racionalmente procura encontrar os meios para a consecução dos objetivos nacionais. **Definido** o mais alto deles como sendo o desenvolvimento. **o que** dificulta o principal objetivo nacional fere a própria nação." (CARDOSO, 1977, p. 159).

Atuando dentro de tal corrente, Lobato notabiliza-se pela defesa de medidas estatizantes - da qual a campanha **pelo** petróleo é exemplo eloquente -, mas seu modelo sempre são os Estados Unidos. Para ele, a chave para a riqueza de uma nação, como afirma durante a campanha do petróleo, **é** a riqueza mineral: "O segredo da América, bem como da Inglaterra, da Alemanha, da França e dos demais países ricos em poder e cultura vem do subsolo. No subsolo **é** **que** estão entesourados os materiais enriquecedores do homem." (LOBATO, 1968h, p. 17). E em relação à exploração mineral, resta ao Brasil seguir o modelo norte-americano: "Fazer **o que** os Estados Unidos fizeram. Arrancar do seio da terra o ferro e transformá-lo em mil máquinas **que** nos aumentem a eficiência dos músculos." (LOBATO, 1951h, p. 101). Mas o atraso brasileiro neste setor refere-se, basicamente, a uma questão de mentalidade, e os Estados Unidos, novamente, funcionam como parâmetro, já **que** a mentalidade norte-americana permite a compreensão da importância do minério: "Sabem **que** são ricos e poderosos e temidos e donos do mundo

por4ue compreenderam desde o início a verdadeira significação do ferro. Como explicar a uma mentalidade dessas que a palavra ferro nada significa para os países de pau?" (LOBATO, 1964, p. 275). A partir deste paralelo toma-se possível explicar por4ue, afinal, os Estados Unidos são um sucesso como nação, enquanto o Brasil fracassou: "Porque nos Estados Unidos o homem adquiriu elevada eficiência e no Brasil a eficiência do homem está pouco acima da do homem natural." (LOBATO, 1969, p. 43).

De forma mais específica, Henry Ford - o homem 4ue enriqueceu sem causar ressentimentos, o mais rico do planeta a distribuir prosperidade- é o modelo a ser seguido pelos brasileiros. Ford é o formulador de um novo paradigma, 4ue Lobato define como o fim a ser perseguido pelo processo de modernização a ser adotado no Brasil:

Neste paradigma. o fim visado não é o lucro. mas o bem comum: não é a exploração. mas a felicidade do operário: não é enganar o consumidor. mas melhorar o nível da coletividade. Não é. enfim. a acumulação financeira a qualquer preço. mas a resolução das mazelas que atligem o planeta. (Apud AZEVEDO: RESENDE; SACHETTA, 1997. p. 206).

E é das idéias de Ford, não do socialismo, 4ue nasce a solução para a miséria: "Extingue-se o sinistro antagonismo entre o capital e o trabalho, que ameaça subverter o mundo. Reajusta-se a produção ao consumo e graças à distribuição equitativa desaparece o monstruoso cancro da miséria humana." (LOBATO, 1968h, p. 67). Assim, nos Estados Unidos, Henry Ford é o parâmetro a ser adotado, o que Lobato faz para ressaltar o atraso nacional:

O Brasil. com os seus incontáveis recursos naturais e seus 30 milhões de habitantes, produz menos que... a fábrica Ford! Henry Ford, à testa de 50 mil operários, transforma matéria prima em utilidades no valor de 8 milhões de contos por ano. Nós, um país! Não chegamos lá..." (LOBATO. 1951c. p. 146).

Os Estados Unidos são vistos, portanto, como uma espécie de antítese do Brasil, o avesso de seus defeitos, o futuro perante o atraso, e entender como Lobato pensa a nação norte-americana é condição indispensável para compreender como ele pensa a nação brasileira. Sua viagem aos Estados

Unidos é para ele uma viagem ao futuro. uma viagem a um país que pertence, já, ao futuro, o que ele assinala em carta de 1928: "O sonho que localizei em séculos futuros encontrei realizado aqui ." (LOBATO, 1951 a, v. 2, p. 309).

E a antítese proposta leva Lobato a criticar um líder como Sandino, que transformar-se-à em herói aos olhos da esquerda latino-americana, e a enaltecer o que seria o imperialismo norte-americano, tão execrado por essa esquerda. Aliás, tal imperialismo inexistente aos olhos de Lobato, o que para ele é motivo de lástima: "Só lamento que a América não seja imperialista. e não varra de uma vez essa corja de descendentes de degredados que ocupou e está estragando um tão lindo território das Américas, como é esse trecho istmático que liga os 2 continentes." (LOBATO, 1959, v. 1, p. 258).

Lobato faz, assim, o elogio do imperialismo norte-americano. Após a construção do Canal do Panamá, segundo ele, faz-se necessária a criação de um novo canal. agora na Nicarágua. o que será feito após a dominação do país, apesar dos protestos internacionais. O desfecho? "A água faz um muxoxo e continua. Realiza a obra que o progresso do mundo impõe e permite mais tarde que passem pelo canal os gritadores do 'não pode'. proporcionando-lhes a economia de maçada e dinheiro que a volta pelo cabo Horn exigiria." (LOBATO. 1951 h. p. 141). Em entrevista concedida em 1947, define o Império Americano como o sucessor do Império Britânico, e analisa sua trajetória:

Sim. é uma injunção da fatalidade histórica. Vem, crescerá, se desenvolverá tremendamente: depois entrará em decadência e morrerá. como está morrendo o Britânico. E meus votos são para que o Império Americano tenha a linda morte que este está tendo. (LOBATO. 1968b, p. 323).

Mas uma ressalva é indispensável: admirando o industrialismo norte-americano. Lobato não menciona sua tradição democrática. Os Pais Fundadores não são seus personagens. O que diz muito a respeito de suas idéias políticas.

Em termos políticos. Lobato não é conservador; é, antes, apolítico. sempre vendo com desconfiança a esfera estatal e as atividades políticas. Em carta escrita em 1928, quando atua como representante do governo brasileiro nos Estados Unidos, ele define como será seu relacionamento com a esfera governamental: "Quanto a governo, presidente, ministros, etc., não pretendo agradá-los. porque não pretendo fazer carreira nem permanecer nesta

humilhante posição de funcionário da coisa mais ridícula e cretina que se possa conceber - governo brasileiro." (LOBATO, 1959, v. 1, p. 252).

Seu desprezo pela atividade política o leva ainda a descrever de soluções revolucionárias e a apostar todas as suas fichas no desenvolvimento econômico, em uma antítese por ele formulada com toda a clareza em 1929: "Chega de revoluções. Cuidemos de um remédio indireto e seja ele o remédio número 1 - FERRO, ferro velho cansado de guerra. Só ele, só ferro cura realmente anemias - tudo o mais é panacéia, paliativo." (LOBATO, 1959, v. 1, p. 271). E a revolução que ocorre, de fato, no ano seguinte, é vista, em 1935, com característica de desconfiança e desprezo: "Toda a luta partidária, dos partidos velhos e dos que estão se formando, outra mira não tem senão avançar na gamela de angustia existente. A revolução de 30 só mirou uma coisa: arredar da gamela os que estavam debruçados no cargo." (LOBATO, 1959, v. 1, p. 341). Em seu último ano de vida, finalmente, Lobato expressa sua "grande simpatia" pelo comunismo e pelo PCB, mas recusa o rótulo de comunista e de scarta qualquer possibilidade de participação política (LOBATO, 1959, v. 2, p. 270).

A visão do Estado expressa por Lobato em 1920 aproxima-o do anarquismo: "São destruidores os que armam arapucas à massa e chamam a isso Estado; estes suspendem sobre a cabeça do povo um gládio e cem apetites. Onde ainda há povo, este não compreende o Estado e o detesta." (LOBATO, 1951e, p. 56). E sua desconfiança perante o Estado o faz retomar o conceito de parasitismo social - fundamental no pensamento de Manoel Bomfim -, utilizando-o em sua análise da sociedade brasileira. O Estado funciona de maneira parasitária em relação à sociedade, na descrição irônica de Mr. Slang, inglês criado pelo autor para denunciar os males brasileiros (LOBATO, 1951c, p. 77). E funciona de forma camuflada e com o consentimento da população como OCOITE no caso do Exército: "É impossível extinguir aqui os aparelhos de defesa inúteis e que muitas vezes se voltam contra o país. O povo brasileiro não o consentiu a." (LOBATO, 1951c, p. 81).

Lobato busca situar a democracia política dentro de um contexto mais amplo. Ela deve possuir uma dimensão social, sem a qual ele a define como insuficiente: "No seu modo de ver, apenas quando respaldadas pelo mercado, pelo acesso aos bens, pelo progresso cultural e material, as propostas de democracia adquiriam fundamento e deixavam de ser ficção discursiva dos políticos." (AZEVEDO; RESENDE; SACHETTA, 1997, p. 270).

Ele possui, por outro lado, uma perspectiva francamente elitista da prática política, perspectiva esta que nunca foi deixada de lado ao longo de sua obra. O problema da política brasileira, afirma ele em carta de 1924 endereçada a Artur Bernardes, é o fato da "multidão ignara, verdadeiramente boçal" ter direito a voto, dentro ainda de um regime de eleições de cabresto, o que faz com que as elites culturais tenham horror à política e afastem-se dela, quando o contrário é que deveria ocorrer:

Deixando de ir às umas essa massa bruta. desaparece o motivo que delas afastava a elite da nação. e veremos apresentarem-se os homens de bem. os homens cultos. todos enfim que constituem a parte nobre do país. E isto tudo automaticamente. naturalmente, sem forçar a ninguém e sem infringir essa grande ilusão do sufrágio universal. que é ainda a base das democracias modernas. (LOBATO, 1964. p. 302).

E importar a democracia parlamentar, para ele, significa importar um sistema político inaplicável ao Brasil: "O artifício chamado parlamento de fato não passa de um artifício, isto é, coisa inatural, não decorrente dum modo lógico da árvore da nação. Salvo na Inglaterra, só lá ele é natural, porque só lá o parlamento se originou por força de uma contingência orgânica inelutável e intraduzível por outra forma." (LOBATO, 1968a, p. 173). Mas tal sistema funciona, também, constata ele, nos Estados Unidos, o que o leva a nova conclusão:

Copiamos da América as suas leis básicas. Esquecemos de fazer o resto. Daí o fato dessas leis básicas funcionarem na América e falharem no Brasil. Tais leis requerem um alicerce econômico que nos falta. Sem criá-lo, impossível sairmos do regime do curral. Ainda que o suprimamos nas capitais. persistirá por toda a vastidão do interior. As capitais constituem minoria. O interior é a grande massa. É o Brasil. (LOBATO. 1964. p. 171).

Não é, portanto, pelo caminho da política que o objetivo de modernizar o Brasil será alcançado, e esta é a tarefa premente acima de todas, segundo Lobato, embora seu pensamento, aqui, não prime pela linearidade. Pelo contrário. Exemplificam a maneira contraditória como Lobato vê a

modernidade ou as perspectivas contrastantes com as quais ele aborda o cinema americano. Em livro publicado em 1920, denuncia a dominação por ele exercida: "O Brasil de amanhã não se elabora, pois, aqui. Vem em películas de Los Angeles, enlatado como goiabada. E a dominação yankee vai se operando de maneira agradável, sem que o assimilado o perceba." (LOBATO, 1951e, p. 23). Porém, no mesmo livro, ele é definido como a arte americana, e exaltado como tal: "A arte americana abre, areja, ventila, fortifica, fecunda o cérebro da humanidade em bloco. Não mais fronteiras, nem a muralha das línguas. É a música nova - a música do movimento. E é sobretudo, o amanhã." (LOBATO, 1951e, p. 121).

A ânsia modernizante de Lobato o leva a antecipar avanços técnicos típicos de ficção-científica, com pilotos levando no bolso tabletes de energia com os quais alimentarão o avião, e desenhando um futuro no qual o arcaico será redimido pela tecnologia: "Até o Jeca Tatu voará nesse dia. O avião será como o guarda-chuva de hoje. Cada criatura trará o seu, enrolado debaixo do braço." (LOBATO, 1951h, p. 111). Ao mesmo tempo, e em que pese seu incisivo elogio da modernização, Lobato é um crítico do processo de urbanização, vendo o Rio como "um imenso parasita dourado com banana" (LOBATO, 1968h, p. 37). Para ele, "o urbanismo é um mal nocivo à espécie humana", cabendo ao meio rural restaurar o equilíbrio alterado pelas grandes cidades. E faz o elogio das populações rurais: "São a força, são o futuro, são a garantia biológica dos grupos étnicos." (LOBATO, 1951c, p. 255). Por isso, em 1918, vê na recuperação agrícola a panaceia universal:

Esta solverá todos os problemas em causa. Restaurada sistematicamente a terra. cessará o nomadismo: extinguir-se-á o taperismo: a riqueza criada subsistirá definitiva e crescente: as cidades mortas renascerão: regiões e estados inteiros voltarão à vida salvos da marasmeira em que apodrecem: - e aqui está tudo - o povo reentrará na posse da sua perdida energia vital - e poderá arrancar violentamente do gasnete a coroa que o enforca. (LOBATO. 1918b. p. 12).

Lobato é, portanto, um crítico da urbanização. com o processo de desenvolvimento passando não pela industrialização, mas pelo fortalecimento da atividade agrícola. As soluções por ele propostas caminham nesta direção:

“A nossa salvação como povo não está em nenhuma das regenerações micantes buzinadas por aí em vários tons e estilos - mas pura e simplesmente em revitalizar indiretamente o povo pela adoção de processos agrícolas que restituam à terra o rompido ritmo químico.” (LOBATO, 1968b, p. 208).

Ele, igualmente, não pode ser definido como um revolucionário, limitando-se a distinguir o que chama de capitalismo benéfico (ligado à produção) do capitalismo maléfico (ligado à manipulação da moeda) e a fazer a apologia do primeiro: "Esse capitalismo é bom, humano, benéfico à comunidade, estimulador do trabalho, criador de todos os aspectos grandiosos da civilização - e indestrutível." (LOBATO, 1951b, p. 200).

Quando cria sua editora, Lobato propõe um programa a seus operários no qual afirma que patrões, funcionários e consumidores devem ser vistos como sócios com direito a participação nos lucros, com os lucros dos patrões sendo a obtenção de dividendos razoáveis e os dos operários vindo na forma de aumentos salariais (LOBATO, 1951b, p. 287). E ele faz, em 1919, a crítica do protecionismo, definindo-o como "destruição da concorrência, proteção ao incapaz" (LOBATO, 1965, p. 36).

Apesar de ter sido um incansável homem de ação, a característica que define o pensamento de Lobato, e com a qual concluirei, é o pessimismo perante o Brasil, o que o leva, nos anos 1940, a definir o país como uma nação fracassada e sem futuro: “O Brasil é uma pobre coisa enorme, inerme e condenada a um triste destino porque somos muito pobres de inteligência. Essa pobreza determina a outra, a material.” (LOBATO, 1969, p. 48).

Um diagnóstico que vem de longa data: nos anos 1920, ele constatava a baixa estima do brasileiro, expressa em uma asserção que era, segundo ele, comum à sociedade brasileira: "falimos como povo, como raça - e falimos moral, intelectual e fisicamente" (LOBATO, 1951c, p. 260). Mas ele próprio compartilha tal pessimismo, fazendo suas as palavras de Mr. Slang e transformando a falência nacional numa conseqüência de questões raciais e identitárias, ou seja, decorrente da própria formação nacional, **que** condena o país à senilidade precoce:

O Brasil é velho. meu caro, é um dos povos mais velhos do mundo. Idade. nas pessoas ou nos povos, não se calcula pelo número de anos. Há velhos de vinte anos e septuagenários moços. No Brasil, só vejo sinais de velhice. A raça que o habita é o velhíssimo português, misturado

com o arquivelho africano. mais o venerável pele-vermelha que por séculos e séculos ocupou este território. A terra tem a idade comum de qualquer outro trecho da crosta terrestre. País novo por quê? (LOBATO, 1951c, p. 52).

A visão crítica, ácida de Mr. Slang - que é a visão de Lobato sobre o Brasil - poupa, contudo, as elites: "Eu creio na existência de uma elite moral no Brasil. Apenas admito que está arredada da sua função orgânica. Está à margem, à espera de que a chamem. Uma reserva, por enquanto - mas uma bela reserva, creia." (LOBATO, 1951c, p. 114).

Mas é apenas uma promessa perante uma realidade marcada pela miséria. O Brasil é um país acostumado a sua miséria, na perspectiva de Lobato, que define seu atraso a partir de uma metáfora: "Entre Argentina e Estados Unidos, o Brasil dá-me a idéia duma lesma ensaduichada entre duas locomotivas." (LOBATO, 1951c, p. 47). E sequer a idéia de uma nacionalidade brasileira ele leva em conta, como afirma em carta escrita em 1914: "Não somos país, somos região. O que há a fazer é ganhar dinheiro e cada um que viva como lhe apraz aos instintos." (LOBATO, 1951a, v. 2, p. 32). Essa visão já se manifestava em 1903, ao descrever a cidade de São Paulo: "Em nada expande uma originalidade de raça, em nenhum edifício e em nenhuma instituição um cunho do caráter nacional quebra a monotonia da mesmice." (LOBATO, 1969, p. 142).

O pensamento de Lobato pode ser definido, em linhas gerais, como uma tentativa de explicar o que ele considera o fracasso brasileiro, mais nítido quando contraposto ao sucesso norte-americano. Deste fracasso, o Jeca é o símbolo, embora Lobato tenha dedicado sua vida à tarefa de pensar alternativas capazes de redimi-lo. E, com isso, de redimir o Brasil.

Referências

ALMEIDA, Jaime de. *Revisitando Silo Luis do Paraitinga. Continuidades e rupturas*. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Orgs,). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: HUCITECIEDUSP/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001, p. 657-679.

ANDRADE, Oswald de. *Carta a Monteiro Lobato*. In: *Ciência & Trópico*, vol. 9, num. 2. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1973, p. 195-8.

AZEVEDO, Carmen Lúcia, RESENDE, Márcia Maria Mascarenhas de & SACHEITA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

BARBOSA, Rui. *A questão social e política no Brasil (1919)*. In: *Ciência & Trópico*, vol. 9, num. 2. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1973, p. 171-8.

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasilense, 1956a.

_____. *Bagatelas*. São Paulo: Brasilense, 1956b.

BELLO, Júlio Maria. *Memórias de um senhor de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

BERNUCCI, Leopoldo. *A imitação dos sentidos: prôgonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOSCHI, Renato Raul. *Elites industriais e democracia (Hegemonia burguesia e mudança política no Brasil)*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BOTO, Carolina. *Nacionalidade, escola e voto: a Liga Nacionalista de São Paulo*. In: *Perspectivas*, vol. 17/18. São Paulo: UNESP, p. 145-163.

BROCA, Brito. *Teatro das letras*. Campinas: Editora UNICAMP, 1993.

CAMARGOS, Maria Mascarenhas. *As leituras de Lobato nos anos vinte*. In: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, num. 56. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1998, p.135-8.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento. Brasil: II-IQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

CHIARELLI, Tadeu. *Um jeca nos vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: CulixIMEC, 1975.

DINIZ, Dihna Castelo Branco. *Monteiro Lobato e os modernistas: a "vanguarda estética" e a "vanguarda política" no modernismo brasileiro*. In: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses, vol. 18, num. 23**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 253-262.

FAORO, Rayrnundo. *Os donos do poder (formação do patronato político brasileiro)*. Porto Alegre: Globo, 1985.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Lobato na América: americanismo e tecnologia de seleção*. In: **Estudos de História, v.12, n.2**. Franca: UNESP, 2005, p.205-231.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

LOBATO, Monteiro. *As novas possibilidades das zonas cálidas*. In: **Revista do Brasil, num. 7**. São Paulo: Propriedade de uma Sociedade Anônima, 1918a, p.3-8.

_____. *A nossa doença*. In: **Revista do Brasil, num. 8**. São Paulo: Propriedade de uma Sociedade Anônima, 1918b, p.7-12.

_____. *A barca de Glevre*. São Paulo: Brasiliense, 1951a.

_____. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1951b.

_____. *Mr. Slang e o problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1951c.

- _____. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1951d.
- _____. *A onda verde e o presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1951e.
- _____. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- _____. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- _____. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- _____. *Na antevéspera*, São Paulo: Brasiliense, 1968a.
- _____. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1968b.
- _____. *Literatura do minarete*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- _____. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LUSTOSA, Isabel. *As trapaças da sorte: ensaio de história política e de história cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega. 1975.

MORAES, Pedro Roberto Bodê de. *O Jeca e a cozinheira: raça e racismo em Monteiro Lobato*. In: **Revista de Sociologia e Política**, num. 8. Curitiba: UFPR, 1997, p.99-112.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: uma teoria do estilo*. In: **Luso-Brazilian Review**, vol. VII, num. 1. Madison: The University of Wisconsin Press, 1969, p.30-49.

PICCHIO, Luciana Stegnano. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

POLINÉSIO, Julia Marchetti. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994.

PRADO, Antônio Amoni. *Cenário para um poeta: Ricardo Gonçalves*. In: _____ (Org.). *Libertários no Brasil: memórias. lutas. culturas*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 109-116.

RODRIGUES, José Honório. *Conciliação e reforma no Brasil: um desafio histórico-cultural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Luiz A. de Castro. *O pensamento sanitarista na Primeira República*. In: Dados, vol. 28, num. 2. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 237-250.

SILVA, Zélia Lopes da. *Imagens do trabalhador brasileiro nos anos 30*. In: História, vol. 12. São Paulo: UNESP, 1993, p. 273-281.

SIMÃO, Aziz. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Dominus, 1966.

SKIDMORE, Thomas E. *Raízes de Gilberto Freyre*. In: Journal of Latin American Studies, vol. 34, p.1, Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 1-20.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Raízes históricas do nacionalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

_____. *Introdução à Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Nacionalismo e autoritarismo em Alberto Torres*. In: Sociologias, num. 13. PO110 Alegre: UFRGS, 2005, p. 302-323.

TORRES, Antonio. *Pasquinadas cariocas*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1921.

TORRES, Alberto. *A organização nacional*. Brasília: Editora da UnB, 1982.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, DIFEL, 1979.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo: DIFEL, 1976.

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Martins, 1953.